



A PERFORMANCE NO ESPAÇO ESCOLAR: REFLEXÕES DA AÇÃO PERFORMÁTICA “O QUE EU CARREGO COMIGO?” REALIZADA POR ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL II

PERFORMANCE IN THE SCHOOL SPACE: REFLECTIONS ON THE PERFORMATIVE ACTION "WHAT DO I CARRY WITH ME?" PERFORMED BY ELEMENTARY SCHOOL STUDENTS

¹Aline Vasconcelos Barreto

¹Universidade Federal do Amazonas - aline.barreto@seducam.pro.br

RESUMO: Este artigo é um fragmento de minha pesquisa de Mestrado, nele trago reflexões sobre o espaço que a Performance vem ganhando em sala de aula e para isso, utilizo das experiências que vivenciei junto às estudantes-artistas em uma escola da rede pública de ensino, localizada na Zona Leste de Manaus. Os estudos sobre a pedagogia da performance e sua presença em sala de aula têm crescido nos últimos tempos e, cada vez mais, professores-artistas percebem a rica gama de possibilidades que a Performance nos possibilita em sala de aula, possibilidades estas de criação e fruição artística onde nossas estudantes são convidadas a agir de forma mais crítica e a criarem experimentos artísticos que retratem sobre seus questionamentos, que de alguma forma reproduzam suas próprias vozes que por vezes são silenciadas no espaço escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Performance; Arte-educação; Estudos da Performance; Educação.

ABSTRACT: This article is a fragment of my Master's research, in which I reflect on the space that Performance has been gaining in the classroom, using the experiences I had with student-artists in a public school located in the East Zone of Manaus. Studies on the pedagogy of performance and its presence in the classroom have grown in recent times and more and more teacher-artists are realizing the rich range of possibilities that performance offers us in the classroom, possibilities for artistic creation and fruition where our students are invited to act more critically and create artistic experiments that portray their questions, which in some way reproduce their own voices that are sometimes silenced in the school space.

KEYWORDS: Performance; Art education; Performance studies; Education.





1. A PERFORMANCE EM SALA DE AULA: UMA ALIADA DA ARTE-EDUCAÇÃO

Não há muito tempo atrás eu estava na figura de uma estudante do Ensino Fundamental II, em uma escola pública da Zona Leste de Manaus. Dessa época não tenho muitas boas e transformadoras lembranças, para mim a escola não era esse espaço de expressão, onde eu podia atuar ativamente, expor minhas ideias, onde eu era estimulada a pensar além de conteúdos ensinados (bem mais decorados que ensinados, aliás) massivamente. Nas aulas de Artes, essa realidade era ainda mais triste haja vista que até o Ensino Médio eu nunca havia tido um professor de Artes que de fato fosse formado em uma das linguagens artísticas. Isso fez com que minhas aulas de Artes se resumissem à livre expressão, com total ausência de construção de um ambiente de criação e fruição artística.

Hoje, enquanto arte-educadora, tenho a possibilidade de contribuir para a modificação desta realidade e propiciar aos meus estudantes, mesmo que em curtos quarenta e cinco minutos semanais, o contato com a arte e um espaço onde estes possam se expressar e criar livremente.

Neste artigo, trago fragmentos da minha pesquisa de Mestrado onde pude trabalhar a Performance para a sala de aula e junto às minhas estudantes-artistas desenvolver processos performáticos e apresentá-los à comunidade escolar. Além de apresentar experiências vivenciadas com a Performance, este trabalho propõe trazer pistas de como levar a Performance para dentro dos muros da escola e utilizá-la em sala de aula.

Durante minha prática artística-pedagógica tive alguns encontros que teceram meus caminhos enquanto arte-educadora e, desde a formação em Licenciatura em Teatro venho observando o quanto minhas experiências artísticas refletem nas minhas experiências pedagógicas em sala de aula. Quando me dediquei aos estudos sobre o Teatro do Oprimido (TO), este era um tema presente em muitas das minhas práticas pedagógicas junto às minhas estudantes, seja no ensino formal ou no informal, agora, venho em dedicando aos estudos da Performance e, como era de se esperar, esta se reverberou também no ambiente escolar e tomou conta da minha prática docente em sala de aula.

A Performance ganhou espaço no campo artístico em meados dos anos de 1970 como um espaço de experimentações, quebra de paradigmas e busca de novas formas de pensar e fazer arte (ICLE, 2017). No campo da educação ela surge logo depois, à medida que os professores-artistas que com ela se relacionavam fora da escola foram levando-a também para dentro do espaço escolar. Barreto (2023, p. 197) diz que *“a performance tem sua intersecção com a educação à medida que estas educadoras que também são performers adentram o espaço escolar da sala de aula e veem esse espaço também como um espaço artístico, de criação e fruição”*. Observo a rica gama de possibilidades que a Performance nos oferece para experienciarmos com nossas estudantes, possibilidades de trabalharmos nossos corpos e as maneiras como estes se relacionam e vivem no espaço escolar.

Hoje temos estudos sobre a Pedagogia da Performance e a noção de professor-performer e com isso, essa prática artística vem cada vez mais adentrando os espaços da escola e transformando as práticas de muitos arte-educadores. Ciotti (2013) apresenta como definição do termo professor-performer a figura de um professor que também é performer, que faz uso do corpo, da voz e do seu lugar para se comunicar com os corpos que estão diante dele, é um professor que movimenta os conhecimentos que possui em direção ao aluno e assim, movimenta também seus corpos (p. 118 e 119). O professor-performer leva a sua arte para dentro do espaço escolar e utiliza desta para se comunicar, causar certo impacto e romper (por mais minimamente que seja) com a estrutura fechada e engessada que a escola por vezes possui, transformando o espaço para que este seja um ambiente de criação artística coletiva.





2. MÉTODO

Para a realização da pesquisa que aqui é apresentada por meio de um fragmento, utilizei a metodologia da autoetnografia, que faz referência a um estilo de pesquisa no qual a pesquisadora-participante entrelaça a sua história às das estudantes-participantes da pesquisa e junto delas realiza experimentos, os refletem e os analisam em conjunto. Para Santos, a pesquisa autoetnográfica ou o método autoetnográfico caracteriza-se no reconhecimento e a inclusão da experiência do sujeito pesquisador tanto na definição do que será pesquisado quanto no desenvolvimento da pesquisa (2017, p. 06). Por meio da pesquisa autoetnográfica tenho a possibilidade de relacionar as minhas experiências artísticas às minhas experiências pedagógicas e com isso criar junto com as estudantes.

A pesquisa em questão teve duração de dois anos, sendo o segundo diretamente ligado aos estudos de Performance, seguindo os seguintes passos:

- Primeiro passo: entender o que é a arte da Performance e o que a diferencia das demais linguagens artísticas.
- Segundo passo: pesquisar artistas que se dedicam a arte da Performance, conhecer sobre sua trajetória artística e suas obras, assim, ampliando o repertório performático dos estudantes.
- Terceiro passo: realizar rodas de conversas discutindo sobre o que gostaríamos de falar na nossa performance, quais temas seriam trazidos para reflexão?
- Quarto passo: definir o ato performático.
 - Como se dará a Performance?
 - Quem participará?
 - Onde será realizado?
 - Produzir o programa performativo para auxiliar na compreensão da performance.
- Quinto passo: ensaiar a Performance.
- Sexto passo: realizar a ação performática.

Esses seis passos resultaram em uma ação performática intitulada “O que eu carrego comigo?” realizada junto às estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental II. Esta performance abordou assuntos pertinentes a realidade das estudantes-participantes, aos seus anseios enquanto jovens mulheres, filhas, alunas... medos e inseguranças que permeiam a vida de uma adolescente da atualidade. Sobre a performance realizada, apresento à frente um pouco da sua criação, ação e reflexão que ela trouxe para nós enquanto coletivo.

3. RESULTADOS

3.1. RELATOS DA PERFORMANCE “O QUE EU CARREGO COMIGO”.

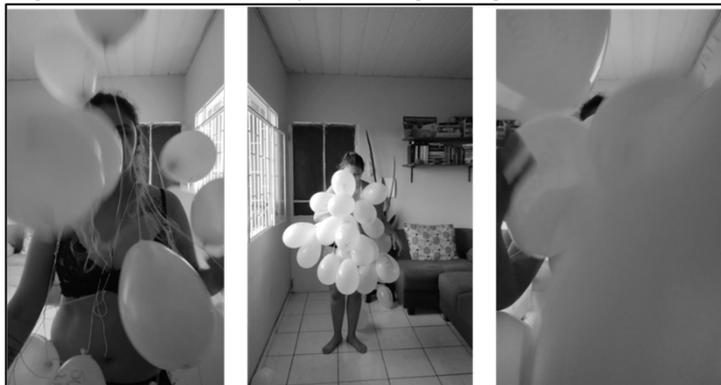
3.1.1. O ANTES

Antes de me sentir segura para trabalhar com a Performance em sala de aula com minhas estudantes, precisei vivenciá-la enquanto artista. Esse encontro/vivência deu-se no componente curricular Performance e Gênero: estudos sobre o corpo e imagem”, ministrada pela minha orientadora Profa. Dra. Vanja Poty, no Prof-Artes (UFAM/UEA). Este contato com a Performance ajudou-me a desmistificar a visão que eu tinha desta linguagem e, ao longo do período, fui experimentando diferentes maneiras de fazer performance e me encontrando dentro desse campo, me tornando assim também uma artista-performer. Abaixo, trago imagens de uma das performances que realizei ao longo do componente.





Figura 1 - - Performance “O que eu carrego comigo”, realizada em 2022.



Fonte: acervo pessoal da autora

Como minhas práticas artísticas reverberam diretamente nas minhas práticas pedagógicas, comecei a buscar meios de levar a Performance para a sala de aula, foi aí então que encontrei termos e trabalhos que me ajudaram a entender o lugar da Performance no espaço escolar, de artista-performer me tornei também professora-performer.

3.1.2. O DURANTE

Os primeiros passos que trilhamos com a Performance em sala de aula deram-se no segundo semestre de 2021, iniciamos nossas aulas conversando sobre o que é Performance e conhecendo algumas artistas que se dedicam aos estudos dessa linguagem. Para ampliar nosso repertório artístico performático, realizamos um trabalho em grupo no qual dividimos a turma em trios e cada trio ficou com um performer para estudar e apresentar à turma. Entre os nomes estudados tivemos: Eleonora Fabião, Tânia Alice, Nadja Dulci, Marina Abramovic, Lygia Clarck, Priscila Rezende, Ana Teixeira, entre outras.

Os estudantes realizaram durante as aulas de Artes uma espécie de seminário no qual era apresentado um pouco da biografia da artista performer escolhida e três obras da artista. Ficou à critério de cada grupo a realização de uma re-performance que fora apresentada.

Finalizando as apresentações, passamos a criar a nossa própria performance que seria apresentada no espaço escolar. Começamos por definir os temas que seriam abordados, dessas conversas surgiram ideias de falar sobre assédio, homofobia, gordofobia e violência contra a mulher. A partir de então criamos um coletivo de estudantes que se propuseram a atuar enquanto artistas-performers e juntas fomos afinando as ideias de como seria a performance que iríamos realizar.

Estávamos no mês de setembro e por ser um mês dedicado à prevenção da vida, decidimos que a performance giraria em torno dos pesos que nós carregamos diariamente, das dualidades que enfrentamos relacionados aos mais variados segmentos de nossas vidas, à família, à escola, ao nosso eu e como trilhamos esse caminho em busca de ser nós mesmos e nos aceitarmos. Surgiu então a performance “O QUE EU CARREGO COMIGO?” que consistia em uma intervenção artística onde as estudantes-performer caminhariam pelo espaço escolar durante os intervalos carregando pedras grandes e pesadas com escritos nessas pedras relacionados aos pesos que cada uma delas carregavam diariamente.

Durante a construção e o executar da performance refletimos sobre as violências que nosso corpo sofre dia após dia na busca infinita de alcançar o tal do padrão de beleza que a sociedade nos impõe, falamos sobre dependência emocional, sobre transfobia, sobre a elevada cobrança por tirar sempre





as melhores notas, que acaba sendo um gatilho para a ansiedade na vida de algumas das estudantes. Esses foram alguns dos temas trazidos por elas e explorados ao longo do nosso processo junto. Abaixo tratei alguns registros que nos ajudam a entender melhor a performance realizada.

Figura 2 - Pedras com escritas



Fonte: acervo pessoal da autora

Figura 3 - Corpos com escritas



Fonte: acervo pessoal da autora

Após esse momento de preparação no qual as estudantes-artistas escreveram as palavras e frases nas pedras e em seus corpos, realizamos um momento de concentração e saímos pelo pátio da escola para nossa ação, nos dispersamos e transitamos pelos mais variados espaços: corredor, refeitório, sala dos professores, quadra, entre outros. Algumas das estudantes-artistas adotaram uma espécie de personagem talvez como um modo de se preservar naquele momento e iam dizendo algumas frases que representavam suas personas, como: "eu preciso emagrecer, 45kg não é o suficiente"; "meu nome é Rafael, eu mereço ser considerado um menino porque eu sou um menino" e "eu mandei mensagem pra ele e ele como sempre só visualizou, eu falei que eu amava ele, eu preciso dele 'pra' viver, o que eu faço?" (BARRETO, 2023, p. 212).

Figura 4: Meu nome é Rafael.



Fonte: acervo pessoal da autora.

Figura 5: Performando.



Fonte: acervo pessoal da autora.

A ação durou em média quarenta minutos e após, nos reunimos em sala de aula para compartilharmos a experiência que tínhamos acabado de vivenciar.





3.1.3. O DEPOIS

O momento pós performance foi bastante enriquecedor para nós participantes, nos reunimos em uma das salas de aula e fizemos uma grande roda onde partilhamos sobre o que sentimos e o que refletimos a partir da performance que havíamos produzido. Foi um momento bonito enquanto coletivo e as estudantes se sentiram à vontade para partilhar suas histórias e ouvir as histórias das demais colegas. Icle (2017), em um de seus artigos escreve que:

Participar de momentos de ensino-criação, em que professores e estudantes se colocam como performers, trabalhando colaborativamente, pode gerar o momento de suspensão em que o tempo-espaço escolar é reinventado a partir da subjetividade e da ação dos participantes (ICLE, 2017, p. 24).

De fato, sentimos essa suspensão de tempo-espaço que comenta Icle, enquanto realizávamos a ação performática olhamos a escola por um outro ângulo, por uma visão de um espaço mais acolhedor, mais atento as individualidades dos estudantes. Com a performance, houve uma quebra do cotidiano escolar e ali, mesmo que por poucos minutos, as estudantes puderam ser elas mesmas e usaram do espaço que tinham para fazerem suas vozes serem ouvidas. Abaixo, trarei dois relatos retirados da minha dissertação que traduzem pelas palavras das próprias estudantes-artistas o que foi vivenciar esse momento e se colocar enquanto performer.

Relato 01: “Eu nunca tinha feito nada parecido com isso e não costumo me expor muito, ainda mais na escola. Quando a professora nos chamou e explicou o que a gente mais ou menos iria fazer, eu e as meninas topamos porque é uma disciplina que gostamos e gostamos também das performances que conhecemos. No início eu não tinha ideia de que seria algo forte, que eu ia me sentir à vontade para falar de coisas que são minhas, que me acompanham todos os dias e me magoam. Eu me senti à vontade ali com as meninas e os meninos que depois se juntaram a gente, meio que era um personagem, mas era eu”.

Relato 02: “A performance mexeu muito comigo, no geral não sou de aparecer muito e quando falamos sobre os pesos que carregamos foi mais forte ainda. Eu não consegui fazer tudo porque de verdade mexeu comigo, me pesou. O momento que tivemos depois, na hora de avaliar a performance me ajudou a melhorar, como se a gente naquele momento criasse um laço forte e se ajudasse” (BARRETO, 2023, p. 221 e 222).

Enquanto professora, acredito na escola como esse espaço que dá possibilidades aos estudantes, que mais do que com o currículo escolar e índices que muitas vezes não retratam de fato a realizada, olhe para cada estudante e enxergue-a de maneira individual como um ser que está ali cheio de incertezas, de dúvidas, passando por mil e uma coisas e que necessita desse espaço onde ela possa se expressar, onde possa ser ouvida e penso que a Arte é o caminho para que a escola seja esse espaço de liberdade.

4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS E CONCLUSÕES

Nos últimos anos pude me dedicar aos estudos da arte da Performance e, ao levá-la para dentro do espaço escolar pude experimentá-la junto aos estudantes. A partir desses experimentos, estes estudantes que se colocam na posição de estudantes-artistas e tem a possibilidade de se expressar e comunicar suas ideias, pensamentos e anseios por meio de ações performáticas que podem realizar





individualmente ou em coletivo. Essas reflexões feitas a partir de conversas, criações artísticas e apresentações, seja em sala de aula ou no espaço escolar externo (fora da sala de aula, nas áreas em comum) auxiliam na capacidade crítica dos estudantes, os tornam mais sensíveis a arte e por consequência, à realidade que os cercam. Ciotti (2013) comenta que:

De igual modo, a performance provoca mudanças no olhar e na sensibilidade dos indivíduos, tendo uma função pedagógica. O professor-performer, caracterizado nesse momento, propõe uma pedagogia sobre questões da arte contemporânea na qual a performance se inscreve. Consequentemente, em nossas escolas tão precárias em termos de material para sensibilização dos alunos, o professor de arte que tem essa maneira alternativa de ensinar pode conseguir resultados valiosos para provocar mudanças na percepção dos alunos (CIOTTI, 2013, p. 120)

Com os experimentos artísticos realizados em sala de aula e a partir da performance coletiva “O que carrego comigo?”, percebi a força que a Performance tem em sala de aula, as possibilidades que ela oferece aos estudantes e a escola em geral, podendo ser fonte de modificações dessa estrutura que nem sempre se mostra aberta ao diferente. Com a Performance, aos poucos vamos modificando esse espaço e transformando-o em um espaço mais sensível e tornando menos hierárquica a posição de professor e estudante, transformando estes em colaboradores em comum.

Atualmente, a pesquisa continua contribuindo para a fomentação dos estudos de Performance nas escolas tendo como financiadora a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) a partir do projeto PCE (Programa Ciência na Escola) criando na escola espaço de reflexão sobre temas relevantes socialmente para a vida de nossos jovens, reflexões estas realizadas a partir da fruição artística ao observarem e participarem dos experimentos performáticos.

5. REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, C. M. (2017). O QUE PODE A PERFORMANCE NA ESCOLA? Cadernos CEDES,37 (Cad. CEDES, 2017 37(101)). <https://doi.org/10.1590/CC0101-32622017168671>.
- BARRETO, Aline Vasconcelos. A performance e o teatro do oprimido em sala de aula: discussões e criações artísticas sobre violência de gênero em uma escola cívico-militar de Manaus. 2023. 250 f. Dissertação (Mestrado em Artes) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus (AM), 2023.
- CIOTTI, Naira. O mestiço professor-performer. Rebenito, n. 4, 2013.
- ICLE. G, Bonatto MT, Pereira M de A. Performance e Escola. Cad CEDES [Internet].2017Jan;37(Cad. CEDES, 2017 37(101)).
- SANTOS, C. M. dos; BIANCALANA, G. R. Autoetnografia: um caminho metodológico para a pesquisa em artes performativas. Revista Aspas, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 53-63, 2018. DOI:10.11606/issn.2238-3999.v7i2p53-63

